

# A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

## DUAS ELEIÇÕES

A quinzena agora finda deve ficar memoravel por dois factos n'ella realisados. Nada menos de duas eleições: a do juiz dos devotos de S. Martinho e a dos deputados, se fizeram pacata e soccagadamente. O unico ponto de paridade que entre ellas houve é precisamente este—correrem ambas pacata e soccagadamente—, porque, de resto, tudo diverge entre os dois acontecimentos tão similares, graves e serios, ha poucos annos exhibidos com a imponencia que lhe conhecemos. Mas... mudam os ventos, mudam os tempos.

A eleição de S. Martinho foi de votação vocal, a dos deputados por esrutínio, chama-lo por esarculo, secreto; n'aquella, o eleito só depois do apuramento é que soube que ia ser investido na grande dignidade, n'esta, 45 dias antes do dia designado já se apregoavam os individuos que deviam ser eleitos; n'aquella, o um venceu por maioria porque eram muitos os concorrentes ao logar, n'esta, os muitos foram por aclamação porque ninguém lhes fez guerra; na primeira, as listas eram copos do fino cristal ou malgas sujas e esbecadas trasbordando o precioso liquido, na segunda, uns miseraveis bocadinhos de papel, com a condicao essencial de serem muito limpinhos, aliás não tinham valor algum; a primeira, cujo patrono é um santo da folhinha verificou-se nas adegas, tabernas e casas particulares, a segunda a que preside um profano fez-se nas igrejas; uma foi ultra-liberal, a outra foi a suprema irritio d'esse bello ideal chamado Liberdade; ali todos tinham voto, velhos e novos, ricos e pobres, homens e mulheres, aqui, só os homens e com restrições; a do santo é annual e tem dia fixo e permanente—11 de novembro; a dos homens é quando convem a certos arranjos, ironicamente negocios publicos; uns chamam-se heberões, outros appellidam-se paes da patria; n'uma houve muito vinho que produziu embriaguez verdadeira, n'outra muita promessa falsa. Basta do divergencias e vamos a concluir.

A pacatez e socco d'ambas foi devido a causas bem simples. Para uma é o sulfato, que segundo dizem, que tollice neutralisa o alcool, e para a outra, não haver carneiro com batatas, de saudosa memoria.

Só falta agora apresentar os nomes dos vencedores, mas para que? Por ventura não os conhecemos todos? Não é preciso divulgal-o aos quatro ventos, basta que nós, como em familia, saibamos quem é o bebedor-mór de Barcellos. Os de-

putados são sempre os mesmos, todos muito boas pessoas, e atarefados com o modo de propôr acabam por mandar compôr as carteiras. E são estes os paes da patria, salvadores da nação.

Ora pois.

X.

## NOTAS DA QUINZENA

Disse-se que esta villa seria illuminada a luz electrica, uma luz mais clara que a tez das senhoras barcellenses, quando embriagada de pó de arroz, uma luz que assombraria ate o seculo das luzes. Mas por enquanto temos visto só as estrellas, devido ás canelladas que temos dado por essas ruas.

Quinzena, pois, hi-dolorosa de sombra. Dá nos a gente vontade, como disse um litterato que visitou Barcellos, de atirar com uma lata de petroleo á cabeça dos camaristas.

A Camara desembesta para abi um chuveiro de inutilidades nas suas sessões—que são unas verdadeiras sessões de gargalhada. Haja visto um vereador da minoria que leu *trásto* em vez de *trajecto*.

Os vereadores não querem trabalho—porque este só entretém quando é feito pelos outros.

Em vez de nos darem luz electrica, apresentam nos tocheiros, tontos de morrão, que nos fazem andar ás apalpadellas. E estas não sendo no dorso da namorada, não têm sainete...

Eis a resultante do escuro.

No campo de S. José um martyr do amor afunda-se numa poça, até o hemispherio carnudo.

O João Candido, coração mais brando do que manteiga, é assaltado pela gatunagem arrojada e malcreada, abi para Avenida 11 de fevereiro.

Finalmente, noutro dia, alguém tropeçou na rua Faria Barbosa em dois seres vivos, assentados num passeio; acendeu um phosphoro julgando encontrar-os com a bocca na botija, e encontrou-os, pelo contrario, com a botija na bocca, bebendo regaladamente vinho do Torres, escorregador e embriagador.

Quinzena dupla de assaltos. Por toda a parte furtos e roubos. Não ha remedio senão a gente adoptar o expediente do Alho de Mattacões, que experimentava, previamente, os phosphoros todos, dando tambem antecipadamente com o revolver uma acção, experimental, a todas as cargas, deitando fóra as que falharem, para assim ficar unicamente com aquellas garantidas pelo uso... Isto para se não ficar boçal, como um marçano, diante da gatunagem.

GAZETILHA

Na noite de quarta-feira  
Era a chuva torrencial,  
Noite feia e d'invernia,  
Qual diluvio universal:

Em que Eolo enfurecido  
Socava os subordinados  
Que dos penates sahiam  
Bramindo muito escamados,

E vinham vociferar  
Sobre as grimpas o beirões,  
Contra o chefe deshumano  
Que os massava demais,

Nós assistimos a scena  
Que é lição pr'as gerações!  
—Tremiam cheios de frio  
Os brilhantes lampôes,

E o lampianista bondoso  
Vendo os tristes padecerem  
Convidou-os para a ceia  
Pr'ao seu lume se aquecerem.

E seguindo o benemerito  
Lá lhe foram na piugada... =  
Nós que vimos o cortejo  
Bradamos com voz magoada:

«A pobro cam'ra é que paga  
Se ha jornal que vos pilhe.»  
E os lampeões descarados:  
«Ora, à cam'ra que se...».

E a villa, escura necropole,  
Nem deu por manobras taes!  
Pois conheceu ver o mesmo  
Sem os lampeões actuaes!

22—XI—95.

ARTHERIZ.

UM BANHO FORÇADO

Numa destas noites de inverno em que a chuva e o vento fustigam atrozmente quem não tem a agradável lousrança de fiar á lareira jogando a bisca no doce aconchego familiar, seguiam pela rua da Princesa D. Amélia, a um de fundo, uma mulher e dois homens. Junto á capella de S. Bento, que, como sabemos, demora numa das extronidades da rua, estão dispersas algumas pedras em attitude de quem espera a sua collocação, e que no entanto servem de resguardo a um pequeno poço feito com a extracção de barro.

As duas primeiras filas desta columna de marcha julgam-se perseguidas, e para esconderem ao indiscreto personagem, que por acaso as seguia, a sua consciencia suja, dirigiram-se para a escuridão caminhando por entre as taes pedras: de repente ouve-se um *baque*, acompanhado dos conhecidos ruidos que fazem os solidos quando cahem nos liquidos, que chamou a attenção do terceiro personagem, que immediatamente se dirigiu ao local do sinistro, allumian-da com um lume de cera tão estranha scena, apresentando-se então um quadro deveras interessante. A mulher, a pequena distancia, com voz compadecida dizia—*ai! coitadinho! ai! coitadinho!* O D. João, todo encharcado, sahia do poço depois de ter tomado um formidavel mergulho, e o bom do espectador ria a bom rir por lhe ser impossivel conservar-se serio em tão patheticos lance. O terrivel conquistador, em vez de correr a *encadernar-se* de novo, começou a zig-zaguear por entre as pedras como que procurando qualquer cousa.

—Sr. F. é melhor ir mudar de roupa, aconselhou o auctor involuntario de tão triste epilogo da *difficil* conquista.

—Eu vou já, respondeu o encharcado.

—Mas falta-lhe alguma couza?

—Os chinellos, disse o infeliz em voz sumida.

—De certo estão no fundo do poço, procure-os amanhã, de dia.

E a mulher de quando em quando exclamava o seu—*ai! coitadinho!*

Moralidade—Devo-se andar sempre por caminho direito.

Os jornaes de Barcellos, atiram-se todos á uma, com excepção da «Lagrima», como gatos, ao sr. administrador por causa do jogo d'azar. Se o sr. dr. Mattos finge não os ouvir, é uma verrinada medonha; se os attende, seguir-lo a ordem natural partindo do simples para o composto, isto é, assaltan-lo uma batota pataqueira, salta logo uma *casaca* monumental que o deixa a caldos de galinha.

Para não se esalfarem as redacções, deixar em paz o sr. administrador e permittir que os *pon-tos* não morram de espasmo vamos apresentar uma excellente receita: Pôr de parte os jogos d'azar; fazer uso unicamente do Trinta e um de boeca, da Lambida e d'outros jogos licitos, como o Piolho e a Palha (inventados pela soldadesca); jogar grossas quantias, podendo perder tudo, e acabar como os collegas de Monaco, espalhando os mielos pela athmosphera.

E' este o unico meio de se conciliar tudo.



## A LAGRIMA

### O SILVA

A «Lagrima», no intuito de corresponder dignamente aos favores que está recebendo dos seus numerosos leitores, envia todos os seus esforços para lhes proporcionar momentos alegres, dando-lhes conta de todos os casos e coisas acontecidas nesta encantadora villa, á *beira do Cuvado plantada*. Mas nem sempre se dão esses casos e coisas. Ha quinzenas em que os nossos reporters não conseguem uma simples nota. E' então que a «Lagrima» deita lagrimas por não poder ser agradável aos seus benevolos leitores. A presente quinzena é safara de noticias; arrelhiadora em extremo. Iamos, ruy abaixo, passando neste momentoso assumpto, eis ser-não quando nos apparece o Monte do Carmo, que, d'fando pela nossa tristura, nos desfecha a seguinte pergunta:

—«O' seu «Lagrima», você está mesmo com cara de quem quer deitar lagrimas. ¿Que tem? ¿Que o mortifica?»

Expozemos-lhe os nossos pezares. O homem abraça-nos fraternalmente e conforta-nos, promettendo alivio ás nossas maguas:

—«Homem, creia que eu não sou só *monte* no appellido: tenho tambem um *monte* de bons ditos e anedoctas que, ás noites, me entretenho a contar ao prínciro caixeiro dos sympathicos a Cruz—o *Silva*—, aquelle que tem toda a predilecção pela muzica dos Paivas.»

—«Ah! Sim, sim.»

—«Vá, «Lagrima», por lá. Ha de lucrar, o lucrarão, portanto os seus leitores.»

For nos, effectivamente, em a noite seguinte, ao lindo estabelecimento dos Coelhos. Lá encontramos o Monte do Carmo leccionando o Silva em grammatica! O que ouvimos e gostamos foi só para «sentir-se e aduairar-se», mas... vá lá um bocadinho:

—«Olhe, sr. Monte do Carmo, diz o Silva, em grammatica o que me custa a conhecer são os adjectivos e substantivos. Eu quasi que os conheço porque já li a grammatica e ella falla em orações. Logo, quem faz orações, é na igreja; se é uma pessoa só, é adjectivo; se são duas, é substantivo. ¿Não será assim?»

Acode logo o Carmo:

—«E', homem, você sabe mais do que eu.»

Vem entrando novos admiradores das boas piadas, e convidam o Silva a parodiá o Alves Mathias. E elle, logo, prompto, em voz de orador de comícios:

—«... Oh! Rei! neto de um heroe, filho de uma santa e irmão de um justo», etc, etc.»

Observa-lhe um ouvinte:

—«Mas quem era esse heroe?»

—«Sim, diz o Silva, o heroe de quem elle era neto não sei quem fosse, porque não sei *historias*, mas parece-me que devia ser o tio.»

Gargalhada em toda a linha.

No final da sessão disse o caro Silva ao seu professor:

—«Fiz ha pouco elogio a um amigo chamando-lhe hypocrita; quiz saber se acertei com o termo procurando no *Dissionario*, a começar em E, tal nome, porém não me appareceu. ¿Errei? Procurei, tambem, no *Diccionario* um animal chamado *indole*.....»

Basta! Os amigos concordam que a «Lagrima» descobriu um precioso collaborador... O Silva, o bom Silva, é nosso é dos nossos leitores.

Toque—e muito obrigado sr. Silva e Monte do Carmo.

Publicamos em seguida um abaixo assignado que vae ser dirigido ao mais antigo zelador da Camara—sr. Bernardo Espardo:

Senhor:

O Campo de S. José onde, antigamente, por entre giestas se brincou, e por fundos barrancos se mergulhou, foi, graças á iniciativa duma Camara de progresso, transformado num paul verdejoso, repartido em quarteirões, a cujo centro se abriu em forma de algaridaz esboçorrado, um lago com o indispensavel repuxo, tendo ao lado, como sentinella vigiosa, um marco fontenario, que um illustre e teso membro da vereação municipal, limpa, em mangas de camisa, nestas manhãs de neve ou de agua.

«O Campo é do publico e ao publico pertence policial-o». Porém o Zé Povinho gosta de imitar a Camara, na pratica de abusos, cegando a herva, que ali abunda, para o alimento de seus animaes domesticos, e lavando no lago, ainda por cima, a roupa suja, do seu uso, e do dos outros.

Pede, pois, o abaixo assignado, que a Camara conceda liberdade aos moradores do referido Campo de cegar a herva, com a condição de ser para o seu consumo; e quanto a lavagens no lago, só liberdade para as do corpo, estando este em trajas menores.

O. LIBRA.

Se é certo que as proloquios populares em geral tem veracidade e cahem sempre a talhe de foice, algumas vezes desviam-se bastante da sua significação, quando a não invertem completamente.

«Quem se mette em atalhos não se livra de trabalhos». Este é dos taes que devemos applicar com cautela, porque quando serve de guia um pratico de atalhos e caminhos velhos, tudo corre no melhor possível.

Era bonito vel-os, a alguns dos nossos amigos,

seguinte o morgado Carmona por atalhos «nunca dantes caninil a los» na freguezia do Salvador, todos de preto, parecendo outros tantos corvos, internados em grosso e alto matto, imitando os expedicionarios a busca do Gunguhara,—transformados d'ahi a pouco em rãs atravessando pantanosos campos. Chegaram alfin ao termo da travessia, cansados, sujos e enlameados maldizendo o morga-lo que dias antes já lhes fizera *pirraça* identica.

Por isso aconselhamos a todas as pessoas que, querendo livrar-se dos trabalhos que dão os atalhos, tomem para piloto o morgado, como ninguém versado, em assumptos desta natureza, e até se pensa nomeal-o presidente da Sociedade de Geographia, attendendo ao seu alto valor atalho-graphico do nosso concelho.

NOTICIAS DIVERSAS

«Ha menino que diz—batendo palmadinhas na barriga das pernas—que não deve nada a *ninguem*. E assim se desculpa de ser um canalha».

«Vinha rompendo ao longe a frosea madrugada, O Juca, ourivos, só, metteu-se pela estrada»

que leva ao cemiterio, de arma ao hombro, asso-biando uma area do «Trovador». A certa altura entranhou-se por pinhaes, campos, congostas e carreiros em procura duma gallinhola, sem conseguir, sequer, ver uma daquellas aves. Desanima-do vinha regressando aos lares patris quando viu saltitar, alegre, numa agra, um pardal, de olhi-tos reluzentes. Enthusiasmado, arremessa para o lado o chapu e, de gatas, cosido a uma parede, foi-se-lhe pôr ao aleance, apontando então innumeras vezes o espingardão, sem o tiro partir, apesar dos esforços, de enrilhado, que fazia para isso. Retira-a, porém, da cara, e observa que tinha encostado o cano ao hombro em vez da co-ronha, estando a puxar pela vareta em vez de fazer pressão no gatilho. Para cumulo o chapu ca-biu num ribeiro sendo levado pela corrente.

Entrou no hospital da Misericordia para ter o seu bom successo o nosso amigo sr. Daniel Gon-çalves da Costa.

— «E' Torquato».

— «Não senhor: é Torquato».

E o pyndarico *Silva* venceia, em questão or-thographica, o seu collega da loja de ferragens do sr. Mathias.

Passados dias, na magnifica sala de jantar do seu patrão, que mira gataamente para as

adoraveis margens do Cavado, escreveu o Silva, com o dedo, o seguinte:

«Torquato  
Torquato

e commentou:

*Qual é mais larro, o de baixo ou o de cima?»*

E o Silva, teimoso como um jumento caeilhei-ro, ainda hoje ri, victorioso...

PROVERBIO A ADIVINHAR



*Era bem novo! Só tinha  
Vinte e quatro primaveras.  
Quando dois feroz bandidos  
O assaltaram deversas.*

*Seguia o bom João Cuidado,  
Em vez de estar nas encolhas,  
Em noite feia e sem lua  
Pela congosta do Folhas.*

*Quando dois salteadores,  
(Que elle julgou Calabrezes),  
De aspecto particular  
E bronzas, escuras tozes,*

*Lhe tomam seu passo incerto.  
Um d'elles deita-lhe a mão  
Ao gasnete, enquanto o outro  
Lhe empalma o grosso grillão.*

*Teve tal medo o João  
De tão pr'igosa noitada  
Que ficou um mosca moita,  
E ainda armado. Diz o rifão:*

.....!  
.....!